

LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL EM SAÚDE
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

CYNTIA GOMES TELES

O SONHO E O SUJEITO: A PSIQUE HUMANA À LUZ DA TEORIA
PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD

Rio de Janeiro

2011

CYNTIA GOMES TELES

O SONHO E O SUJEITO: A PSIQUE HUMANA À LUZ DA TEORIA
PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD

Pré-Projeto apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
sobre a Monografia que será realizada
como requisito parcial para aprovação no
Curso Técnico de Nível Médio em Saúde
com habilitação em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Maria Cecília Carvalho

Rio de Janeiro

2011

Cyntia Gomes Teles

O SONHO E O SUJEITO: A PSIQUE HUMANA À LUZ DA TEORIA
PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio como requisito
parcial para aprovação no curso técnico
de nível médio em saúde com
habilitação em Gerência em Serviços de
Saúde.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Angélica Ferreira Fonseca – EPSJV/FIOCRUZ

Carla Macedo Martins – EPSJV/FIOCRUZ

Adelyne Maria Mendes Pereira – EPSJV/FIOCRUZ

*Dedico esta monografia
aos meus pais, João e Irinéia;
aos meus irmãos, Caio e Calebe;
e aos meus grandes amigos,
pois todos me ajudaram nesse
grande e importante percurso.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer à Deus que me ajudou da maneira mais profunda em toda esta longa trajetória. Eu também devo dedicar espaço aqui para a minha família que procurou me ajudar em tudo lhes fosse possível. Meus pais, João e Irinéia que me davam forças para continuar todas as vezes que precisei. Obrigada por todo suporte físico e emocional. Quero agradecer também aos meus irmãos, Caio e Calebe, que foram grande fonte de inspiração e diversão.

Quero também agradecer à minha lista de amigos que fiz na Politécnica, com destaque especial para Adrielly Ribeiro, Lorena Pires, Sara Cristina, Naomi Andrade, Gabriela Trancozo, Diana Teva e Jesiele Garuzi, que além de me ajudar a fazer este trabalho de conclusão, também mantiveram-se ao meu lado nos momentos de adversidade. Obrigada pelas noites viradas de estudo, pelos telefonemas no meio da madrugada, pelas broncas e por todos os momentos alegres ou não que compartilhamos. Vocês todas me ajudaram a crescer e aprimorar uma visão sobre o mundo bem mais ampla e crítica, agradeço muito à Deus por ter posto todas nós juntas para amadurecermos em conjunto.

Acho que todos nós, que estamos no término do curso, devemos agradecer à própria Politécnica que acabou por nos transformar por completo. Acho que por fim, saímos de lá com outra forma de pensamento, outros hábitos e maneira de ser. Nós amadurecemo-nos através de toda essa aplicação de conhecimento que nos foi imposta e apesar de ter sido, de todo, bastante difícil para seguir o ritmo da escola, posso dizer que devo agradecer porque saímos todos de lá mais críticos e mais humanos. Por isso, também sinto a necessidade de agradecer ao corpo de professores que não cumpriam apenas seu trabalho para conosco de nos ensinar, mas também se tornaram amigos e sempre se demonstravam preocupados com nosso progresso. À todos vocês, muito obrigada.

“(...) a megalomania humana terá sofrido (...) um golpe, o mais violento, a partir da pesquisa psicológica da época atual que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente em sua mente.”

(Sigmund Freud, adaptado)

RESUMO

Aborda alguns dos conceitos apresentados por Freud que marcaram enfaticamente a psicologia e a abordagem clínica de mentes patológicas. Atendo-se à esse autor exatamente por sua grande influência no mundo médico da psicologia por ter sido o criador da psicanálise, ciência tal que estuda as neuroses a partir do conteúdo dos sonhos que o sujeito doente apresenta. Dessa maneira, o texto ressalva a importância tanto do conteúdo onírico como da palavra que é a chave para a interpretação deste. A interpretação dos sonhos revela aqui sua importância, visto que através dela é possível delinear os desejos recalçados mantidos no inconsciente do paciente, que se configuram no conteúdo latente dos sonhos.

Palavra chave: Sonhos. Mente Humana. Freud. Aparelho Psíquico.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2.1 A PSIQUE HUMANA..... | 12 |
| 2.2 OS IMPULSOS..... | 13 |
| 2.3 O APARELHO PSÍQUICO..... | 19 |
| 2.3.1 HIPÓTESE TOPOGRÁFICA..... | 19 |
| 2.3.2 HIPÓTESE ESTRUTURAL..... | 20 |
| 2.3.2.1 ID..... | 20 |
| 2.3.2.2 EGO..... | 20 |
| 2.3.2.3 SUPEREGO..... | 21 |
| 3. PSICANÁLISE..... | 24 |
| 4.1 OS SONHOS..... | 32 |
| 4.2 OS MECANISMOS DE DEFESA..... | 35 |
| 4.2.1 DRAMATIZAÇÃO OU CONCRETIZAÇÃO..... | 35 |
| 4.2.2 CONDENSAÇÃO..... | 36 |
| 4.2.3 DESDOBRAMENTO..... | 36 |
| 4.2.4 DESLOCAMENTO..... | 36 |
| 4.2.5 REPRESENTAÇÃO PELO OPOSTO..... | 36 |
| 4.2.6 REPRESENTAÇÃO PELO NÍMIO..... | 36 |
| 4.2.7 REPRESSÃO..... | 37 |
| 4.2.8 RACIONALIZAÇÃO..... | 37 |
| 4.2.9 PROJEÇÃO E INTROJEÇÃO..... | 37 |

| | |
|--|-----------|
| 4.2.10 IDENTIFICAÇÃO..... | 38 |
| 4.2.11 REGRESSÃO..... | 38 |
| 4.2.12 ISOLAMENTO..... | 38 |
| 4.2.13 FORMAÇÃO REATIVA..... | 39 |
| 4.2.14 SUBSTITUIÇÃO..... | 39 |
| 4.2.15 FANTASIA..... | 39 |
| 4.2.16 COMPENSAÇÃO..... | 39 |
| 4.2.17 EXPIAÇÃO..... | 39 |
| 4.2.18 NEGAÇÃO..... | 39 |
| 4.2.19 REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA..... | 40 |
| 4.2.20 ELABORAÇÃO SECUNDÁRIA..... | 40 |
| 4.3 A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS..... | 40 |
| 4.4 SIMBOLOGIA DOS SONHOS..... | 42 |
| 4.5 PESADELOS..... | 43 |
| 5 CONCLUSÃO..... | 45 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 48 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 49 |

1 INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivos mostrar algumas das temáticas da psicologia depois que essa foi transformada pelos estudos freudianos, de maneira, a abordar as principais descobertas de Freud no que concerne a mente humana, seu desenvolvimento, sua estrutura e suas formas de manifestação. Com este texto proponho ressaltar a importância dos sonhos, quando estes são analisados sob o âmbito científico, para se chegar à cura da mente patológica. Os conceitos freudianos apresentados foram em grande parte projetados sob a perspectiva do estudo clínico, por conta disso torna-se passível de afirmação que as conclusões as quais Freud chegou foram, ao todo, de grande importância para psicologia, visto o progresso, a partir dele, da análise clínica dos médicos mentais sucessores.

No primeiro capítulo procuro expor a psique humana em seus complexos e instâncias, de forma a fazer entender como que se dá a relação bilateral de influências que atuam entre si e sobre si para a criação desta. A partir do entendimento de como se dá esse processo de gênese e amadurecimento da mente, trago um dos principais pilares dos estudos freudianos que o foi a teoria do determinismo psicológico, no qual se afirma propriamente essa relação dinâmica da psique que mesmo não aparente, está sempre em progresso contínuo, dessa afirmação surge a outra teoria freudiana de que o homem nunca terá total controle sobre todas as ações e massas mentais, teoria esta também, logo, apresentada.

Ainda nesse capítulo, procuro apresentar as temáticas dos estudos freudianos como os impulsos sexuais e agressivos, suas consequências e suas formas de atuação. Mostrado isso, torna-se possível falar daquele tema que provavelmente foi o mais impactante de toda a obra de Freud, a sexualidade infantil, que ele determina em vista de sua crença de que a sexualidade não é algo que nasce em nós de forma abrupta, mas muito pelo contrário, se desenvolve em nossa mente desde nossas instâncias infantis. Freud determina as três fases desse progresso, oral, anal e fálica, que compõem, ao longo de a vida, as atitudes do sujeito. Além de também, apresentar neste capítulo o Complexo de Édipo, que gerou tantos debates e do qual se foi possível experimentar a mente de maneira mais profunda.

Por fim, demonstrarei a distinção de hipóteses feita pro Freud, acerca do nosso aparelho psíquico. A hipótese topográfica que o divide em consciente, inconsciente e

pré-consciente e a hipótese topográfica que o delineia entre três instâncias dinâmicas e indissociáveis, o id, o ego e, por fim, o superego. Proponho aqui, uma apresentação básica de cada um deles, trazendo suas definições e formas de atuação para que se entenda mais a fundo todo o complexo mecanismo humano mental.

Em um segundo capítulo, proponho uma breve apresentação da ciência criada por Freud para o estudo da mente, a psicanálise, de maneira que em uma primeira instância foco-me no paralelo entre sonhos e religião a partir de curto resgate histórico, no qual se objetiva demonstrar a relação entre estes, esta tal que permeou a sociedade por vários séculos, visto que existia, na antiguidade, uma crença concreta na misticidade dos sonhos e na sua relação com o divino assim como que se acreditava que o objetivo deste fosse unicamente a predição do futuro. Procuro demonstrar a desconstrução dessa realidade até os sonhos terem sido analisados cientificamente, o que ocorreu de forma concreta com Freud.

No terceiro capítulo, foco-me na apresentação dos sonhos, definindo-os como massa mental resultada da ligação entre restos diurnos, excitações e estímulos internos e externos decorridos do momento em que o sujeito se encontra em estado onírico com os pensamentos e ânsias próprias do indivíduo que por alguma razão foram barrados da consciência, por serem considerados deturpados e desonrosos, ou por outro motivo que tenha acabado por constranger o ego. A partir da exposição dessa definição se torna passível de demonstração as conclusões dos estudos freudianos acerca do desejo inconsciente e de seu papel fundamental, visto que ao compreendê-lo é possível entender o trabalho da mente do sujeito e, conseguinte a isso, as ações deste.

Neste capítulo ainda trato da simbologia única dos sonhos, que se demonstra pessoal de acordo com o sujeito em análise o que acaba por dificultar todo o processo de interpretação, outro tema apresentado no capítulo. Procuro mostrar como que se dá o processo de produção de um símbolo, que para que se concretize na mente do sujeito precisa levar em consideração aspectos tanto universais se sua significação como os próprios que lhe serão dados pelo indivíduo. Sobre a interpretação dos sonhos, objetivo-me em demonstrar sua grande importância para delimitar o caminho que o analista traçará a fim de entender a psique do sujeito.

Em uma última instância dou destaque a alguns dos mecanismos de defesa utilizados pelo ego para sancionar e controlar os impulsos do id. Esses mecanismos

foram traçados a partir da análise clínica e do estudo da deformação daquele desejo latente buscado pelo analista com a prática da técnica psicanalítica, e só depois de identificados será possível desfazer o caminho do conteúdo manifesto do sonho para que se descubra a ânsia inconsciente do sujeito. Por fim, trago de forma curta também um pouco do que Freud determinou acerca dos pesadelos, visto que, esses tomaram importância depois que os estudos freudianos afirmaram que sonhos eram realizações de desejos inconscientes. Os pesadelos fizeram surgir várias dúvidas acerca dessa verdade, pois, visto seu caráter angustiante torna-se extremamente difícil que se note ali qualquer gozo de alguma emoção do doente.

2.1 A PSIQUE HUMANA

A formação da psique humana se dá em um complexo processo de influências que atuam sobre si mutuamente desde a gênese humana. Esse processo, claramente, é recíproco, ou seja, enquanto um atua sobre o outro, esse último também, direta ou indiretamente, trabalha sobre o primeiro. Deste modo, *será por meio de todas essas vivas e complexas inter-relações, que o indivíduo irá se constituindo como um ser humano, (...). Todos nós somos resultado desta eterna e constante metamorfose em que, provavelmente, teremos de incluir muitos outros fatores já conhecidos e alguns ainda por conhecer.* (CARRERA, 2008. p. 19).

Esta conexão entre as experiências por nós vivenciadas e suas respectivas influências mentais, é explicada através do princípio do determinismo psíquico, ou princípio da causalidade, que é um fundamento básico da psicanálise, além de ser de suma importância, mesmo que, apesar do que ele prega, o estudo dos sonhos tenha por muito tempo se baseado no contrário. Ele explica que cada evento psíquico é determinado por aquele que o antecede, ou seja, mesmo que eles tenham alguma aparência de fortuito, na verdade eles estão permanentemente conectados entre si, sendo impossível que tenhamos qualquer pensamento ou ideia que foi frutificado em nossas mentes acidentalmente e sem causa tanto na mente patológica, quanto na normal.

A partir desse princípio podemos finalmente entender que Freud procurava sempre ressaltar, em seus estudos, ser impossível que uma ideia concebida pelo doente, com atenção concentrada, fosse totalmente espontânea, ou seja, sem nenhuma relação com a representação mental procurada e esquecida que foi distorcida pela resistência interna do paciente, entretanto, em paralelo a isso, Freud afirma que também a ideia exposta pelo doente não poderia ser idêntica àquela por ele procurada, o que se explica pela própria situação psicológica do enfermo.

Cada sintoma neurótico, qualquer que seja sua natureza, é provocado por outros processos mentais, apesar do fato de que o próprio paciente frequentemente considere o sintoma como estranho a seu ser como um todo, e completamente desligado do resto de sua vida mental. Contudo, as conexões existem e são

demonstráveis, apesar de o paciente não se dar conta da sua presença. (BRENNER, 1975. p. 18)

2.2 OS IMPULSOS

No caminho para a compreensão da mente humana, precisamos entender os mecanismos inatos dela que acabam por determinar nossas ações. Para Freud, nosso comportamento é definido por um estímulo da mente que mesmo que não consista propriamente em uma resposta motora, o ser humano apresenta algum tipo de excitação, que é consideravelmente alterada pela experiência individual. Todo esse processo é gerado pelo que Freud chama de impulsos mentais e estes, por sua vez, são criados por uma força psíquica determinada catexia.

Os impulsos foram divididos em diversos grupos no decorrer dos estudos freudianos. Em uma primeira instância, Freud os classificou como sexuais e de auto conservação. Em um segundo momento, concluiu que esses dois provinham de um mesmo impulso sexual, por fim, Freud ponderou que os impulsos estão divididos entre sexuais e agressivos, que estão intimamente ligados, de forma a se fundirem, mas em quantidades diferentes.

Os impulsos sexuais são aqueles relacionados à libido, esta, por sua vez, desempenha o papel de motor de inúmeros processos psíquicos psicanaliticamente relevantes no que concerne a sexualidade. Fábio Hermann em seu livro *O Que é Psicanálise* afirma:

Antes da Psicanálise, considerava-se em geral a sexualidade, de forma algo restrita, como o conjunto de atos ligados à relação sexual ou coito, e em especial à reprodução. A descoberta freudiana da sexualidade infantil, a extensa teorização que dela os psicanalistas fizeram, foi o ponto de partida para um alargamento radical do conceito. (HERRMANN, 1984 p. 57).

Essa extensão de conceito, explica Herrmann, se dá no sentido que, de alguma forma, nossas ações todas estão relacionadas à libido de maneira não a determinar que nossa vida derive da vida sexual, mas, que ela se constitui pela própria vida sexual, ou seja, *nossos movimentos vitais tanto tendem à conservação do indivíduo, como*

comportam um quantum de satisfação erótica ou de negação dessa forma de prazer (...), logo, (...) Há libido em investida em todos os nossos atos psíquicos, de uma ou de outra forma. (HERRMANN, 1984 p. 58)

Freud explica que nos sonhos podemos encontrar a forte presença de caracteres que exprimem a sexualidade do sujeito:

Quero ainda fazer nota que pela análise dos sonhos também pudemos descobrir que o inconsciente se serve, especialmente para a representação de complexos sexuais, de certo simbolismo, em parte variável individualmente e em parte tipicamente fixo. (FREUD, 1910 p. 31)

A partir dessa conclusão da psicanálise freudiana foi possível que se traçasse a evolução da sexualidade desde a infância até a maturidade, e, determinasse esse progresso como um processo psicosssexual, essa – sexualidade infantil – foi uma das descobertas fundamentais da Psicanálise freudiana que além de ter mudado o rumo dos estudos psicológicos, mudando para o âmbito onírico, também atingiu de forma chocante a moral da sociedade naquela determinada época histórica.

De acordo com Freud, a sexualidade na psique infantil desenvolve-se em três estágios que vão se sobrepondo. O primeiro deles é denominado fase oral, que ocorre aproximadamente nos dezoito meses iniciais da vida humana, na qual os contatos mais significativos, e por isso, mais estimulantes, ocorrem através da boca.

(...) o prazer está então vinculado essencialmente à recepção dos alimentos. A atitude dominante do sujeito nessa fase consiste numa relativa passividade, como a de uma boca aberta para engolir o mundo circundante. Também não há noção que distinga o si mesmo do outro: o seio materno (ou seu substituto) é considerado como parte do sujeito infantil, tudo está para ser engolido ou, eventualmente, rejeitado.

Já com o aparecimento da dentição, há uma modificação profunda nessa atitude passiva, pois a criança adota uma postura mais agressiva: morde, mastiga, dilacera. Daí que

se distinga, na fase oral, um período oral-receptivo e outro período oral-canibalístico ou sádico-oral.
(HERRMANN, 1984 p. 58-59)

Durante essa fase, existem, em predominância, sentimentos um tanto violentos para com o seio materno, visto que esse representa a fonte de todo o prazer desse período infantil. O seio materno acaba por ser responsável pelas fantasias infantis a ponto de tornar-se o núcleo de desenvolvimento do ego infantil, já que, ao mesmo tempo em que é ele quem vai garantir a realização da criança, quando esta se alimenta por ele, também cabe ao seio gerar os sentimentos contrários – de ódio e desespero – quando acaba por não cumprir sua função como fonte alimentícia.

Esse jogo entre sentimentos tão antagônicos ao redor do seio materno gera na mente infantil, no decorrer de seu amadurecimento, um sentimento de devoção que faz com que nas próximas fases desse desenvolvimento ele procure de certa forma consertar, proteger e reparar aqueles bens que tememos ter destruído. Mesmo tendo Freud, definido todo esse complexo da mente humana em seus estágios iniciais é passível que não se tenha certeza se são realmente esses os sentimentos vividos pelas crianças, sabe-se apenas que nesta fase, o ser humano tem emoções extremas e simples e que suas primeiras experiências mentais sejam muito fragmentárias formadas por lampejos de consciência ainda muito desconectados entre si.

A segunda fase ocorre aproximadamente nos próximos dezoito meses, esta, por sua vez, é denominada fase anal e ocorre com o desenvolvimento da criança no sentido de começar a controlar suas atividades excretoras de forma a monitorar essas funções de acordo com a necessidade de prazer e as expectativas do meio. Na terceira, e última fase, que tem início estimado no terceiro ano de vida da criança. Este estágio refere-se ao avanço das suas destrezas fálicas, agora, a libido se concentra nos genitais, que passam a serem os principais objetos de interesse humano.

De acordo com Herrmann a fase anal é *o momento da evolução infantil onde cobra importância dar, expulsar, reter(...)*. Nessa fase, na criança ocorre certa evolução da libido, no sentido em que, as fezes tornam-se uma espécie de recompensa ou, ao mesmo tempo em que, por outro lado completamente antagônico, são instrumentos agressivos eliminados como forma de expressão dos sentimentos raivosos da criança. Soma-se a isso o sentimento de culpa, visto que como dito acima a criança deve

aprender a controlar essas funções para atender ao meio, caso contrário, será recebido punitivamente. Dessa maneira, entram aí, emoções conflituosas, visto que ao mesmo tempo em que a criança procura pelo prazer da excreção ela também busca atender ao molde adequado de educação que a sociedade propõe.

Essas fases produzem-se entre si e sobre si de forma a deixar marcas longínquas no que concerne às atitudes humanas, Herrmann explica essa permanência de forma clara ainda nessa mesma obra:

(...) a significação das fases do desenvolvimento libidinal não se esgota nesses passos primeiros de sucessivas superações. Como a vida mental é neles formada, fica sempre a marca características das primeiras fases e de como elas foram vividas. Há prazeres orais, o comer, o fumar, o beijo; e, mais agressivamente, a mordida, o prazer de atacar, destruir, conquistar. Também o prazer de evacuar permanece representando nos atos de expulsão, tanto na doação, no presente e na produção, como na sensação de livrar-se de coisas ruins e perigosas, na expulsão violenta e aliviadora (...). Com efeito, são mais que restos o que sobra das fases iniciais do desenvolvimento da libido. Sobra a forma mesma de nossa vida adulta, o caráter. (HERRMANN, 1984 p. 62).

Em um último momento o sujeito progride para a fase fálica, que tem início aproximadamente no final do terceiro ano de vida, neste momento, a libido há de concentrar-se nos órgãos genitais do sujeito que passam a serem seus principais objetos de interesses e por meio dos quais ele passará a buscar prazer. Neste período, a criança desenvolve determinado interesse em olhar e exhibir suas genitálias, além, também, de buscar o erotismo uretral. Neste momento que o sujeito adere à masturbação e às fantasias sexuais com pessoas reais.

Essa conclusão de continuidade do desenvolvimento da sexualidade desde a infância que, como apresentado, explica-se pela divisão desse processo em três fases, faz com que demos importância que se ressalte essas não se substituem, elas, na

verdade, se acrescentam como explica Herrmann, novamente, na mesma obra destacada anteriormente:

Nessa analogia, a vida psicosexual dos adultos representar-se-ia por uma pirâmide de base triangular. Isto é, passamos dum segmento a um ângulo, deste a uma figura plana e a um sólido tridimensional. Houve integração numa estrutura de ordem superior; não abolição da estrutura anterior. (HERRMANN, 1984 p. 64).

O ângulo primeiro ao qual ele se refere, é a fase oral que dali vai para um segmento formado pela união desta com a fase anal, por fim, forma-se uma figura plana, que se entende pela união a estas duas fases aquela denominada fase fálica, e daí forma-se um sólido tridimensional que explica a influência de cada um sobre os outros e vice-versa de forma contínua pelo longo da vida humana.

Seguindo essa linha de raciocínio, visto que os pais são os seres mais presentes nas fases infantis, a criança continua interesse neles, de forma, que o menino anseia sexualmente a mãe, e, a menina, o pai, dessa maneira o pai vira o grande inimigo do menino e a mãe, da menina. A criança passa a odiar seu respectivo inimigo, ao mesmo tempo em que ama, visto que deles recebem carinho e afeto. O sujeito passa a viver sob um grande paradoxo emocional dado pela ambivalência de emoções tão antagônicas, este é o grande problema da fase fálica apontado por Freud. Essa paixão sentida pela criança gera toda uma situação triangular entre pais e filhos denominado Complexo de Édipo.

Acresce a essa situação conflitante de emoções, a incapacidade da criança em concretizar uma relação sexual. A partir desse momento, a criança frente a sua inabilidade de realização de seus desejos além de proibida de cumpri-las, sente-se nos limites da frustração, como essa fosse um castigo para suas ânsias sexuais, a criança sente-se castrada para que por fim, com sua desistência, vence o desejo de paz, ou seja, a criança se renuncia a si própria e à conquista de seu objeto sexual, de maneira que tão logo toma a decisão de não permanência neste conflito, decide por imitar seu inimigo, passando a identificar-se com as qualidades dele, isso no caso do menino. Com a menina, entretanto, visto que a mãe, para ela, passa de fonte de prazer, nesta fase, por

lhe garantir satisfações genitais durante processos de higiene corporal, para aquela personagem que não proporcional a ela o órgão tão valorizado do sexo oposto – o pênis -, com isso a criança rompe relações com a mãe e passa a dirigir seu amor ao pai.

De qualquer modo, em ambos os sexos, há uma aceitação forçada da castração e renúncia provinda da satisfação genital, que permite voltar o interesse mental para atividades outras, como o brincar e o estudo, no período conhecido como de latência. (HERRMANN, 1984 p. 68).

É nesta fase, ainda, que surgirão as primeiras dúvidas sobre a reprodução e nela, as crianças, por conta própria, construirão teorias sobre esta tópica, acredita-se que nesta fase, as crianças imaginem que a perpetuação da espécie se dá através do ânus e imaginam que por conta de um simples corte em qualquer região poderão castrar-se. Tentarão representar os pais, usando de figuras idênticas ou opostas para isso. Freud começa daí, a estudar questões sobre o homossexualismo que ele acreditar dar-se quando o menino por tanto medo da castração resolve renunciar com fervor ao seu órgão genital oferecendo-o ao pai em busca de conciliação.

A resolução do Complexo de Édipo se dá, então, sobretudo pela repressão, logo é nessa fase que as proibições paternas vinculam-se de maneira tal que é durante esse período o superego se fixará, consolidando-se a partir exatamente dessa forte fonte de censura. Na puberdade, os interesses eróticos renascem com violência, esta sim é a fase genital propriamente dita aonde os órgãos de fatos vão se desenvolver de acordo com a produção hormonal do sujeito.

Freud ressalva que apesar de ser esse o processo natural progressivo do fluxo da libido, às vezes, ocorre o que ele chama de regressão instintiva que é o refluxo da catexia na direção contrária. O indivíduo que regressa a um estágio de desenvolvimento anterior mantém os padrões comportamentais dessa fase. Essa regressão pode ser causada pela fixação da libido em algum objeto ou forma de gratificação do estágio ao qual o indivíduo apegou-se. De acordo com Herrmann *cada estágio do crescimento infantil, cada fase, apenas pode ser superada, se o prazer que nela se obtinha for obtido na fase ulterior, conquanto em forma diversa.* Essa regressão ocorre devido problemas

na realização dos desejos em devida fase, ou seja, quando o sujeito sofre alguma frustração seu acesso à fase seguinte se comprometerá.

Os impulsos agressivos relacionam-se a uma outra energia psíquica da qual se origina os componentes destrutivos das atividades mentais. Essa parte dos estudos de Freud não apresentaram teorias conclusivas, entretanto, ele afirmava que as manifestações do impulso agressivo tinham as mesmas capacidades de regressão e fixação ditas anteriormente. Todavia, esses impulsos permeiam outros campos da psique humana mesmo que passíveis de atividades dos mesmos focos da libido – anal; oral; e fálica.

Tendo apresentado as fases que Freud determinou do desenvolvimento da psique humana, assimilamos que a sexualidade não nasce em nós de forma abrupta, mas, muito pelo contrário, se dá a partir de um longo desenvolvimento mental. As influências da infância, com seus desejos e aspirações permeiam a mente humana, durante o desenvolvimento desta, de forma bem mais extensa do que na vida física. O processo de perda e moldagem desses desejos se dá com o envelhecimento em sociedade, já que a partir disso, somos todos submetidos às forças repressivas de progresso impostas pelos outros com os quais convivemos, e das quais sairá o chamado homem normal.

2.3 O APARELHO PSÍQUICO

Os estudos freudianos se deram por uma aliança de um sistema de pensamento com um método terapêutico e por ele criaram-se três modelos para explicar o aparelho psíquico. Nesta revisão bibliográfica, vamos nos ater apenas a dois deles, um, primeiro, denominado Hipótese Topográfica que concerne à divisão psíquica entre consciente, pré-consciente e inconsciente; e um, segundo, chamado Hipótese Estrutural na qual a mente é dividida em três instâncias funcionais, o id, o ego e o superego, cada qual com sua função específica.

2.3.1 Hipótese Topográfica

Em primeiro lugar, abarcaremos a Hipótese Topográfica. Nesta vemos a mente humana exprimida em duas partes, uma reprimida e outra repressora, a primeira faz referência à força que o paciente aplica para trazer ao consciente aquilo que já foi esquecido; e outra que diz respeito à resistência que o paciente induz sobre a representação mental procurada, impedindo a passagem deste e/ou de seus derivados

para o consciente. Freud ainda diz que *seja tanto maior a deformação do elemento procurado, quanto mais forte a resistência que o detiver.* (FREUD, 1910)

Ainda nesta hipótese, Freud divide a mente em três espaços distintos. O primeiro deles, denominado Consciente (Cs) que exprime a percepção imediata da própria experiência, é uma parte pequena da mente humana que representa os pensamentos e ideias imediatas, ou seja, apresenta o material psíquico dinâmico. Outro espaço é o Pré-Consciente (Pcs), que consiste naqueles conteúdos que podem vir a tornarem-se conscientes a partir de um breve esforço, são memórias e lembranças de fácil alcance como nomes, endereços, datas especiais e outros materiais individuais de considerável conscientização.

O Inconsciente (Ics), última área mental dada pela hipótese topográfica, representa os pensamentos resguardados e os pensamentos banidos do consciente. Esta foi a parte psíquica central dos estudos freudianos, é a maior parte da psique humana e a de maior importância, nela guardamos todas as nossas lembranças e memórias mais longínquas, e tudo aquilo que achávamos ter excluído seja pelas forças repressoras, seja pela falta de importância ou pelo próprio esquecimento natural dos fatos. Brenner, em seu livro *Noções Básicas de Psicanálise*, afirma sobre este último grupo:

O grupo mais interessante dos fenômenos inconscientes, no entanto, compreendia aqueles elementos psíquicos que podiam se tornar conscientes a custo de considerável esforço. Em outras palavras, eles eram barrados da consciência por uma força considerável, que tinha de ser superada antes que eles pudessem tornar-se conscientes. (...). Foi para esse grupo de fenômenos que Freud reservou o termo de “inconsciente” no sentido mais estrito. Ele pôde demonstrar que o fato de serem inconscientes nesse sentido de forma alguma os impedia de exercer a mais significativa influência mental. Além disso, foi capaz de demonstrar que os processos inconscientes podem ser bastante

comparáveis aos conscientes em precisão e complexidade. (BRENNER, 1975 p. 27)

2.3.2 Hipótese Estrutural

Freud elaborou um novo modelo psíquico, visto a sua insatisfação com a hipótese topográfica que não era capaz de explicar muitos fenômenos mentais, em especial, aqueles que emergiam da prática clínica. Esta segunda era denominada Hipótese Estrutural e dividia a mente humana entre Id, Ego e Superego. Nesta tópica Freud apresenta-nos a mente como algo bem mais dinâmico, na qual cada parte tem sua específica função, mas, ainda sim, interagem permanentemente entre si, influenciando umas as outras de forma a serem indissociáveis.

2.3.2.1 Id

O Id compreende os instintos e seus impulsos. Ele atua desde o nosso nascimento e opera de forma inconsciente. Nele, além dos impulsos instintivos, ficam as ideias e recordações que por serem, de alguma forma, insuportáveis para o sujeito, tornam-se matéria reprimida. Essa instância é regida pelo princípio do prazer. O Id tem como principal preocupação a satisfação de um desejo, e, por buscar essa realização com tanto afincamento, desconsiderando o espaço, o tempo e os limites, acaba por manter com as outras duas instâncias mentais apresentadas nessa teoria, uma relação ao toda conflituosa. Além disso, essa estrutura age como um reservatório de energia para o Ego e o Superego.

2.3.2.2 Ego

O Ego, por sua vez, é aquela instância que mantém relação com o mundo externo de forma a adaptar os impulsos do Id ao meio, escolhendo quais deles serão possíveis que o indivíduo atenda, ou seja, cabe ao Ego avaliar e controlar os impulsos do Id. O Ego expressa-se, de certa forma, como a razão do sujeito, na medida em que age sob as circunstâncias impostas pelo Superego e as exigências apresentadas pela realidade. Fernanda Telles Marques, em sua tese *Teoria Psicanalítica*, exprime claramente as funções dessa instância:

Por meio de suas funções, o ego tem capacidade de atuar sobre a realidade externa numa tentativa de adaptação,

razão pela qual temos sob seu domínio o controle motor sobre a musculatura do esqueleto, várias modalidades de percepções sensoriais, os controles e habilidades para atuar sobre o ambiente, a capacidade de lembrar, comparar e pensar. No âmbito de suas relações com as outras duas instâncias do sistema psíquico, o ego assume o papel de mediador e integrador dos impulsos do id e das exigências do superego, visando adaptá-los à realidade externa. (MARQUES, 2008. p. 5).

As funções do Ego vão se desenvolvendo paralelamente ao desenvolvimento de dois fatores experienciais do sistema nervoso central, a maturação e a identificação, esta última se dá duas formas, uma primeira que consiste na assimilação, pelo sujeito, de objetos do ambiente que lhe sirva de modelo, o outro parte do processo de identificação, que não a imitação, é, para Freud, o de ferida do objeto, que seria uma separação prolongada ou permanente em relação a ele – objeto – que passa a ser tomado como perdido, esse processo seria fruto de uma espécie de morte da figura do objeto.

2.3.2.3 Superego

O Superego consiste na estrutura mental onde os preceitos morais são mais poderosos, sendo assim, a parte psíquica que atua como o juiz que analisará o conteúdo mental. De acordo com Freud, no início do desenvolvimento da psique humana, o papel do superego é efetivado pela autoridade materna e paterna, de forma que a influência deles controla a criança, como por exemplo, quando uma criança recebe um castigo por algum malefício feito por ela, os pais a castigam, essa punição que aparece para a criança como perda de amor e angústia acaba por levá-la ao arrependimento que por fim, fará com que não repita o ato errôneo. Em uma fase secundária desse desenvolvimento, a instância parental de comando internaliza-se e o superego assume essa posição, de maneira a dirigir ao Ego a ameaça necessária para que ele não se deturpe, ou seja, para que ele consiga controlar de forma efetiva os impulsos liberados pelo Id.

Dessa forma, o superego tem como função barrar tudo aquilo que for impróprio, de forma que lhe é possível tomar medidas mais rígidas como anular as possibilidades de satisfação instintiva e a capacidade de livre escolha do Ego. Seguindo essa linha de

raciocínio podemos perceber que Freud acaba por ressaltar a influência dos pais na formação da psique da criança, visto que se os pais tiverem atitudes punitivas e restritivas severas durante a fase infantil desse desenvolvimento, da mesma forma, a criança desenvolverá psiquicamente um Superego inflexível e punitivo no segundo momento da formação da mente apontado acima. E, por outro lado, contrariando as expectativas de Freud, mesmo que os pais sejam brandos e não proibitivos, da mesma forma, o ego da criança será limitativo e pouco maleável.

A partir do apresentado, podemos concluir que o desdobramento do Superego se dá por meio de uma plena relação entre o Ego da criança e o Ego daqueles que convivem fixamente com ela, de maneira que o primeiro imita o segundo, assimilando-o dentro de si, sendo assim, o Ego da criança, até a formulação de seu próprio Superego, modifica-se a partir do Ego do outro, modelando-se de acordo com ele. Essa assimilação, entretanto, não ocorre somente entre os pais e as crianças, mas, com o passar do tempo, o Ego infantil vincula-se com outras pessoas escolhidas, as quais ela considera um bom modelo de ideias de maneira que as figuras parentais originais vão se afastando e a gama de influências vai aumentando.

O Superego, então, tem como responsabilidade a internalização das normas humanas, correspondendo às funções morais e normativas a partir das autocríticas, auto-observações, aprovações ou desaprovações de desejos e ações, arrependimentos, autoelogio e outros, dessa forma os comandos do Superego incluem muitos elementos que constituíram nosso passado e que dessa forma podem entrar em conflito com os nossos valores atuais, na medida em que ele vai amadurecendo, e se transpondo da fase primária para a secundária.

Continuando nesse âmbito, Freud delimitou os modos de funcionamento do aparelho psíquico a partir de fases processuais que exprimem tanto o processo propriamente dito, quanto a forma de pensamento do indivíduo nesse período. Durante o processo primário existe forte tendência à liberação da catexia – energia psíquica de alguma instância da psique que se vincula à fixação da libido em alguma representação mental de uma pessoa, objeto ou ideia – e à gratificação imediata, seguindo essa sequência do progresso mental, um segundo processo concretiza-se quando o sujeito desenvolve a capacidade de retardar a descarga dessa energia da catexia, ou seja, nesse segundo momento, o sujeito habilita-se ao controle dessa energia.

3 A PSICANÁLISE

O debate sobre o campo onírico surge desde os tempos primórdios. Nas sociedades antigas, como a grega e a romana era considerado uma intervenção divina feita sobre aqueles que têm algum dom sobrenatural e uma ampla ligação com Deus, ou seja, era entendido como um espaço de contato com o sobrenatural. Diversos sábios semeavam suas dúvidas sobre até que ponto o sonho poderia ser analisado sobre perspectiva teológica e se ele era de fato uma intervenção feita por Deus, ou se não seriam forças obscuras que se comunicavam através deles.

A visão pré-histórica dos sonhos, os trazia como um material que de alguma forma relacionava-se com o mundo dos seres sobre humanos, nos quais, acreditava-se, que se continham revelações de deuses e demônios. Além disso, via de regra, aquele que sonhava sentia que o propósito de todas essas visões oníricas era primordialmente uma: predizer o futuro. Entretanto, os sonhos por possuírem um caráter tão abstrato e polissêmico fez gerar sobre si um grande número de divisões e subdivisões para classifica-los em grupos que condizem com suas determinadas finalidades, importância e fidedignidade.

Aristóteles foi um dos primeiros filósofos a discorrer sobre o assunto, acreditava que os sonhos não tinham relação como divino, mas, na verdade, eram de natureza demoníaca. Afirmava isso, porque acreditava que os sonhos não decorriam de manifestações sobrenaturais, mas seguiam a lei do espírito humano, que mesmo este tendo ligação com o divino – ligação esta comprovada pela passagem bíblica: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (BIBLIA SAGRADA, 2009. Gênesis: 1.27. p 3) – acabava por elaborar o sonho a partir de seu carnal pecaminoso. Além disso, Aristóteles acreditava que os sonhos eram uma construção ampliada aos pequenos estímulos que surgiam durante o próprio processo onírico, por exemplo, quando sentimos um tênue aquecimento em regiões do corpo e em atividade onírica pensamos estarmos sendo consumidos por labaredas.

As distintas linhas de pensamentos pré-históricas e a aristotélica forçou a separação dos sonhos em dois grupos distintos, o primeiro deles englobava aqueles que serviam ao indivíduo que sonhava tanto para adverti-lo como para predizer-lhe o futuro,

este material era enviado por entidades divinas de modo a serem considerados verdadeiros e válidos. O segundo grupo abarcava os sonhos de conteúdos falazes e destituídos de valor, cujo único objetivo era destruir ou desorientar o ser que sonhava, esses eram os sonhos vãos. Passou-se a acreditar também, que a partir dos sonhos poderíamos nos conhecer verdadeiramente tal como somos, sem qualquer máscara ou disfarce, por conta disso, as pessoas nobres não poderiam ter sonhos profanos ou contrários às leis dos homens, de modo que se o tivessem abarcariam com a punição necessária, pois se acreditava que os pensamentos em vida onírica condiziam com os da vida vigil.

Na Idade Média, surgiu uma variedade de textos que identificavam o sonho como uma experiência que girava em torno de conflitos pessoais e espirituais. A interpretação de sonhos era um meio de entender a verdade e de encontrar sabedoria, já que ainda eram considerados manifestações do divino. Coube aos profetas, mártires e eremitas estudá-los e entendê-los para posteriormente tornar público o que seria um diálogo de Deus com o homem virtuoso. Essa relação entre onírico e o campo religioso permeou a sociedade durante séculos. Na própria Bíblia Sagrada existe um texto, em Gênesis, que faz referência à interpretação de sonho, conta a história de José que analisou e explicou os sonhos do Faraó de modo a lhe prever o futuro.

Jung em seu livro *Psicologia e Religião*, explica a relação construída historicamente entre esses dois conceitos. Através de uma citação de Benedictus Pererius, ele explica que o sonho se classifica como natural, humanos ou divinos; e que possuem quatro causas: 1) doença; 2)afeto ou emoção violenta, produzidos pelo amor, pela esperança, pelo medo ou pelo ódio; 3)o poder e a astúcia do demônio (...); 4)sonhos enviados por Deus(...).

Pererius também afirma que, na verdade, a distinção entre sonhos demoníacos e divinos é imediata e livre de qualquer discussão. Os primeiros não trazem nenhuma utilidade coletiva ou individual, só servindo para a realização de uma ação maldosa, que faz gerir em nós certo desejo imprudente; enquanto que o divino traria informações que nós, por conta própria, não poderíamos alcançar senão por revelação de Deus. Com o passar do tempo a Igreja se pronuncia contra a influência dos sonhos na religião, apesar de continuar admitindo que alguns deles possuíssem revelações provindas de Deus.

No decorrer do desenvolvimento desses estudos, em meados do século XIX, os sonhos eram interpretados de acordo com os códigos tradicionais da época. Acreditava-se que cada situação onírica já tinha pré-estabelecida para si uma simbologia universal que seria traduzida, ainda, como forma de previsão do futuro. Os sonhos eram organizados pela aparente semelhança entre eles para que assim fossem de alguma forma, compreendidos. Além disso, existia determinada crença sobre os pesadelos, de que durante essas manifestações mentais, o indivíduo que sonhava era carregado por forças desconhecidas à outra realidade, com intuito de lhe ser passada alguma informação codificada.

A validação da relação supersticiosa entre sonho e religião continuou perdurando até o final desse século e início do próximo, momento tal que o homem em vista da ampliação de conhecimentos tecnológicos, a influência da revolução industrial, o aumento do êxodo populacional que gerou uma mestiçagem de culturas e ideologias, e outras tais mudanças que acabaram por garantir certo afastamento do homem e das crenças religiosas. Os sonhos vão perdendo sua característica de sobrenatural de maneira a perder sua identidade e importância, até que finalmente Freud o analisa no âmbito científico, afirmando a existência de um inconsciente e criando um método que tentaria dar conta da interpretação do conteúdo onírico, método esse, denominada psicanálise. Essa é a linha mais importante e atual que estuda os sonhos com o objetivo de traçar as atividades mentais.

A técnica psicanalítica nasce com o intuito de desvendar o que guardamos no inconsciente, que de alguma forma influencia o consciente, e, posteriormente, as atitudes dos seres humanos. Freud afirmava que os sonhos são provocados por uma atividade mental inconsciente, e que por isso eles eram o caminho para a compreensão dos códigos da psique humana em geral. Contudo a linguagem, à primeira vista, irracional dos sonhos, fez com que eles fossem, por décadas, ignorados pela psicologia, até que os estudos freudianos ressalvassem sua importância.

É claro que mesmo que se entenda a relevância dos sonhos, a interpretação desses é geralmente complexa. Um sonho pode representar diversos desejos através de diversas simbologias diferentes, ao mesmo tempo em que, vários sonhos podem representar de diversas maneiras um único desejo inconsciente. Além disso, a linguagem simbólica dos sonhos é individual ainda que semelhante, porque cada pessoa leva para estes conceitos uma carga emocional e racional – racional, porque nos sonhos

os símbolos não se limitam apenas ao racional da consciência, que tem um caráter mais universal, mas também ao do inconsciente que atua de forma ampla na modificação dos universais, fazendo com que eles percam essa característica de básico e concreto e adquiram outras conotações –, percebemos isso quando questionamos um grupo de pessoas a significação de alguma coisa qualquer, como amor, alegria, religião ou outros, nenhum deles dará exatamente a mesma definição, fato este que dificulta ainda mais a interpretação dos sonhos.

Freud (1856-1939) foi um médico vienense que alterou o rumo científico da psicologia, através de um aprofundamento enorme nos estudos dos processos psíquicos, para assim entender a estrutura e o funcionamento da psique humana. A criação dessa ciência [psicanálise], por Freud, se deu assim que ele fundamentou a necessidade de um caminho para o inconsciente, visto que só esse poderia explicar as mentes problemáticas, assim, o inconsciente marcou sua importância e Freud denominou o sonho como material da mente que corresponde às manifestações dele durante o sono, ou seja, a única via para se chegar à mente e, logo, o único modo de explicar seus códigos e formas de atuação.

Fábio Herrmann em seu livro *O que é Psicanálise*, explica que para Freud, o termo psicanálise é usado para se referir a *um método interpretativo, mas significa também uma forma de tratamento psicológico (ou psicoterapia analítica) e igualmente é o nome do conhecimento que o método produz (ou teoria psicanalítica)*, como teoria é um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da estrutura psíquica, e enquanto método é aquilo que busca o significado daquilo que manifestamos consciente ou inconscientemente.

Em *Noções Básicas de Psicanálise*, de Charles Brenner, 1975, *A psicanálise é uma disciplina científica instituída por Sigmund Freud há cerca de sessenta anos*. Ele ainda salienta:

Aquilo que chamamos de teoria psicanalítica é, portanto, um corpo de hipóteses a respeito do funcionamento e do desenvolvimento da mente no homem. É uma parte da psicologia geral e compreende aquelas que são, sem dúvida, as mais importantes contribuições que se

realizaram até hoje em relação à psicologia humana.
(BRENNER, 1975.p. 17)

Sobre a psicanálise também se pode dizer que não é uma ciência que se limita apenas ao patológico, mas também ao estudo do funcionamento da mente normal, mesmo que mantendo seu foco sobre o tratamento das psiques neuróticas e psicóticas.

O método interpretativo freudiano dos sonhos tem como principal característica *tratar através da fala, e unicamente através da fala, as doenças da alma (psicose, melancolia), dos nervos (neurose) e da sexualidade (perversão), excluindo voluntariamente qualquer outra forma de intervenção, tais como o exame clínico e os cuidados corporais, adaptados a cada parte do organismo, as massagens, a cirurgia, a hipnose, a hidroterapia, a farmacologia, a sugestão, a internação, as terapias comportamentais e cognitivas, a correção moral, mediante persuasão ou autopersuasão, confissão, transe ou exorcismo, a coerção física e moral (...), baseada em reunião em grupos, na alienação e no delírio (...), a homeopatia, a bioenergética e, por fim, os métodos ligados ao ocultismo (...).* (Psicanálise Freudiana, 2011. meio eletrônico: <http://fundamentosfreud.vilabol.uol.com.br/fundamentos.html>).

Mesmo que a psicanálise tenha marcado o curso da ciência da psicológica e esteja vigente até hoje, até mesmo seu criador desenvolveu críticas a respeito de sua técnica. Freud disse durante uma de suas conferências que seu método não era muito conciso visto que depois de simplesmente pela pressão exercida por ele no diálogo com o paciente, apenas os primeiros trouxeram ideias que fossem dignas de relevância. Nos outros casos, isso, porém, não ocorreu, o que fez com que, por instante, lamentasse o abandono do hipnotismo, que foi a primeira técnica utilizada por Freud em seus pacientes.

Em primeira instância Freud, influenciado pelo médico e fisiologista austríaco, Breuer (1842-1925, Viena), tentou exteriorizar os desejos inconscientes através da técnica da hipnose, pela qual conseguiu bons resultados. Seus pacientes, após recordar a experiência e a emoção referente à sua neurose ou psicose, apresentavam melhoras mentais. Seguindo esse método era mais fácil chegar ao inconsciente, já que ele não confrontava diretamente a força que se opõe à rememoração dos fatos. Entretanto, Freud se distanciou desse método com o passar do tempo, visto que sua introdução, às vezes,

não era fácil, pois os pacientes podiam não se subornar a ela naturalmente, além de que alguns dos resultados não foram os esperados, já que apresentavam um caráter não permanente.

A partir daí, Freud formulou um novo método no qual submetia seus pacientes a um processo de livre associação: o sonhador citava o sonho e depois dizia qualquer coisa que lhe passasse pela mente que fosse relacionado a ele, sem que o analista o orientasse conscientemente nem o censurasse. Dessa forma, ele esperava definir e classificar as origens e motivos do sonho, ou seja, lhe seria cabível delinear os desejos por trás do trâmite da elaboração desse sonho e, seguindo por essa via, iniciar o tratamento psicológico do paciente. Daí Freud destaca a importância da palavra durante esse processo de exteriorização do inconsciente e, logo, do entendimento da estruturação da mente.

Durante vários anos da história da psicologia, vários outros médicos estudaram a técnica de Freud, alguns de acordo a ela e outros com fortes críticas que a inferiorizavam, podemos citar, por exemplo, a de Carl Jung (1875-1961, Suíça), psicólogo suíço que discordava da técnica de livre associação, para ele esse processo apenas o afastaria da essência do sonho, pois poderia levar a interpretação a qualquer outro assunto desde que mantivesse uma fraca ligação com o sonho, além de que ele acreditava que muitos pacientes não queriam saber a real significação do que sonhavam, por isso poderiam dizer qualquer coisa com o intuito de afasta-los da verdade. Jung achava mais interessante estudar o conteúdo e a forma do sonho intrinsecamente.

Esse método passou a ser utilizado, porque Freud acreditava veemente que durante ele, tudo o que o paciente dissesse tinha alguma relação com o procurado, de forma que fizesse alguma alusão ao desejo reprimido que gerou toda a neurose ou o problema mental respectivo ao paciente em questão. Os pensamentos trazidos pelo paciente, nesse percurso, vinham de forma indireta, ou seja, deformados pela força de resistência, de forma proporcional – quanto maior a força, maior a deformação. Essa era, para Freud, a deficiência de seu método interpretativo, porque o fato de ser indireto poderia comprometer todo o significado final da análise. Mesmo assim, ele acreditava que com uma quantidade apropriada de seções seria possível chegar à verdade inconsciente procurada de forma a não admitir características falazes e errôneas.

Outro problema da psicanálise, apontado por Freud, ocorre porque existe certa dependência entre o psicanalista e o paciente, já que a análise se aterá a tudo aquilo que este segundo disser. Assim sendo, se o doente selecionar qualquer pensamento por vergonha, medo ou esquecimento, por considera-los desnecessários, absurdo ou desagradável, ou outro motivo que de alguma maneira desvia da proposta da livre associação de interpretação íntegra da mente, toda a análise será prejudicada. Por isso, Freud afirma que é de suma importância alertar ao paciente antes das seções, que é possível que uma força de resistência se oponha a rememoração dos fatos, e é também necessário explicar a ele para não submeter à ordem de seus pensamentos a qualquer tipo de escolha, por mais desagradável que possa ser exterioriza-los.

A psicanálise, entretanto, não usa apenas do material onírico para analisar a mente, mas também se utiliza do estudo dos lapsos e atos casuais. Esses outros fenômenos psíquicos são de suma importância para que se entenda a mente humana e constituem-se do próprio *esquecimento das coisas (...), dos lapsos de linguagem, atrapalhões no executar qualquer coisa, perda ou quebra de objetos (...), trautear melodias, brincar com objetos, com partes da roupa ou do próprio corpo (...)*. (FREUD, 1910. p. 34). Todas essas ações que julgamos ser sem nenhuma importância, dadas como fruto de distrações e desatenções são, entretanto, para Freud, de grande importância para decifrar a mente humana, porque apresentam caminhos bem claros e, geralmente, de fácil interpretação, para que assim se chegue aos desejos humanos. Freud afirmava:

Essas coisinhas, os atos falhos, como sintomáticos e fortuitos, não são assim tão destituídas de valor como por uma espécie de acordo tácito é hábito admitir. São extraordinariamente significativas e quase sempre de interpretação fácil e segura, tendo-se em vista a situação em que ocorrem; verifica-se que mais uma vez exprimem impulsos e intenções que devem ficar ocultos à própria consciência, ou emanam justamente dos desejos reprimidos e dos complexos que, como já sabemos, são criadores dos sintomas e formadores dos sonhos. Fazem jus à mesma consideração que os sintomas, e o seu exame,

tanto quanto o dos sonhos, pode levar ao descobrimento da parte oculta da mente. (FREUD, 1910. p. 36)

Freud (1910), afirmava que o dever do psicanalista é o de atentar-se a todas essas pequenas manifestações mentais até aquelas mais explícitas abordadas durante o processo de livre associação. Ele salienta que *para ele (psicanalista) não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquica, (...), está disposto a aceitar causas múltiplas para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com a única causa psíquica.* O psicanalista se distingue pela crença no determinismo da vida mental, que afinal justifica o fato de dar atenção ao conjunto de pensamentos e atos inconscientes que lhe são apresentados.

De acordo com Freud (1910), a técnica psicanalítica tem como principal objetivo *conduzir à consciência o material psíquico patogênico, dando fim desse modo aos padecimentos ocasionados pela produção dos sintomas de substituição* e chegamos ao cumprimento deste, utilizando-se dos vários instrumentos já apresentados como a livre associação de ideias, os sonhos, as falhas e ações sintomáticas e a partir do exame de qualquer outro fenômeno psíquico surgido durante o tratamento psicanalítico. A teoria psicanalítica torna-se interessante porque nos apresenta a dinamicidade e complexidade da mente humana e suas manifestações, nos ajudando a compreender não apenas seu funcionamento de forma ampla, mas também, as operações, até as mais conflitantes, das diferentes partes da psique humana.

4.1 OS SONHOS

Os sonhos são compostos pela massa de conteúdo mental que adquirimos em vigília e que de alguma forma ficam guardados em nossa inconsciência. Esse material nem sempre será consciente, ou seja, geralmente mantém-se em estado de memória, de formal tal, que muitas vezes não nos lembramos de sua existência e muito menos de como ou quando a obtivemos. Por conta desse esquecimento daquilo que nos ocorre em vida vigíl, a essência dos sonhos, assim como sua fonte, ficaram, durante muito tempo, obscuras aos estudiosos, até que com o aprofundamento da análise sobre esses conteúdos, tornou-se viável que se admitisse que o sonho seja estruturado à partir de produtos da vigília. A partir disso, foi possível traçar quatro tipos de fontes do sonho: (1) excitações sensoriais externas - ruídos e sensações captados sistemas sensoriais; (2) excitações sensoriais internas – alucinações e fenômenos visuais imaginativos; (3) estímulos somáticos internos – distúrbios dos órgãos internos; (4) fontes psíquicas de estimulação – material utilizado para se chegar ao inconsciente.

Entretanto, mesmo que se afirme que o material do sonho, ou pelo menos um pouco deste, toma como base alguma lembrança individual, este resíduo não é suficiente para produzi-lo, é por isso que o sonho só se forma quando um evento já acontecido estabelece alguma conexão com um desejo inconsciente ou algum impulso passado. O produto dos sonhos então é uma mesclagem do material que absorvermos através de nossas experiências conscientes – restos diurnos – com os desejos inconscientes distorcidos que mantemos em nossa memória, união, esta, que será explicada mais a frente.

O sonho não é, de modo algum, uma mistura confusa de associações casuais e desprovidas de sentido, como geralmente se admite; também não é simples decorrência de estímulos somáticos surgidos durante o sono, como muitos acreditam; mas é um produto autônomo e muito importante da atividade psíquica, passível de uma análise sistemática. As sensações orgânicas durante o sono não são a causa do sonho. Desempenham

papel secundário e fornecem apenas os elementos constitutivos (o material) da atividade psíquica. Segundo FREUD, o sonho é, como qualquer produto psíquico complexo, uma criação, uma obra que tem seus motivos, suas cadeias prévias de associações. Ele é, como uma ação refletida, o resultado de um processo lógico da disputa entre diferentes tendências, das quais uma alcançará a vitória. Como tudo o que fazemos, também os sonhos possuem um significado. (JUNG, 1989. p 27)

Os estudos de Freud marcam narcisicamente a psicologia, e outros ramos da ciência, com, principalmente, duas teorias, uma primeira que diz respeito à incapacidade humana de ter total controle sobre seus pensamentos e ações, e a segunda, sobre a psicanálise, que os sonhos são o único caminho para o inconsciente e que estes apresentam, em suma, um conjunto de desejos recalcados, muitas vezes abandonados, rotulados como levianos e promíscuos pela sociedade e pelo próprio ego, sendo por isso, censurados e banidos do consciente.

Concluimos que o sonho é considerado a realização de um desejo que perpassa no inconsciente. Ele não segue a mesma lógica daquela que seguimos em nossa vida vigil, pois nele não existe senso racional, ou seja, não tem um sentido como o da nossa realidade cotidiana. Ele tem uma linguagem própria e seus próprios símbolos além de ser constituído, como dito anteriormente, por desejos que foram distorcidos por alguma força de resistência, visto que não convém e são abandonados por conta do recalque do consciente, de forma, entretanto, a continuarem existindo no inconsciente. Podemos concluir então que a forma dos sonhos é determinada por duas forças psíquicas, uma delas que constrói o desejo inconsciente expresso pelo sonho, e uma outra que exerce a censura sobre este desejo de maneira a expressá-lo alterado de sua forma original.

É relevante dizer que para Freud, desejo não tem mesma conceituação que vontade. Para ele, vontade é algo que nos orienta conscientemente para cumprir coisas em um futuro próximo ou não, ou seja, se refere a algo que aspiramos e que por alguma razão acreditamos que nos trará alguma felicidade; é algo que queremos conquistar e

ainda não possuímos. Enquanto que desejo faz referência às experiências psíquicas já, por nós, vivenciadas; é algo que nós já possuímos e pretendemos trazer para o presente, ou seja, queremos manifestá-lo, e por não podermos fazer isso conscientemente, os liberamos, com uma lógica mínima, em nossos sonhos.

Em teoria, o sonho resume-se em três entidades distintas, uma primeira denominada de sonho manifesto, esta parte faz referência àquilo que o paciente recorda da atividade psíquica inconsciente onírica e que relata como sonho, ou seja, são as imagens do sonho tal como são lembradas ao despertar, nesse conteúdo onírico as ideias, pensamentos e sentimentos – ódio, amor, violência, prazer, etc.. – antagônicos se fundem de modo a não apresentar distinção entre si. O conteúdo manifesto do sonho também possui como característica a ausência da coerência ou a lógica que estamos acostumados a lidar em vida vigil.

Uma segunda entidade que se compõe das ideias e sentimentos do presente ou do passado que formaram o conteúdo manifesto, esta, denomina-se conteúdo latente do sonho. Essa parte expressa a parte mais importante da psique humana já que é nela que está toda a significação, os desejos, problemas e neuroses que Freud procurava alcançar através da Psicanálise. Esta é a primeira fase do sonhar e forma-se a partir impressões sensoriais – impressões externas recorrentes ao indivíduo enquanto este sonha, como algum ruído, frio, calor, aumento da luz do local, sede, desejo de urinar e outros -; pelos restos diurnos – preocupação, atividades e pensamentos em geral que ocorreram ao indivíduo em questão em atividade vigil e que de alguma forma permanecem ativos no inconsciente durante o sono. -; e por fim, pelos impulsos do id – um ou vários impulsos liberados pelo id e reprimidos pelas forças de defesa do ego, esta é, para Freud, a parte de maior importância para a formação do conteúdo do sonho.

A terceira e última entidade refere-se à elaboração do sonho, este processo é aquele que intermedia o conteúdo latente e o manifesto, ou seja, é durante ele que os impulsos do id sofrerão as distorções que formarão as imagens apresentadas no conteúdo manifesto após somar-se aos restos diurnos e às impressões sensoriais, logo é durante este procedimento que o conteúdo latente será censurado de maneira a torna-se irreconhecível pelos mecanismos de defesa, como a concretização, condensação, desdobramento, deslocamento, representação pelo oposto e outros que serão abordados a seguir. Esses mecanismos são utilizados pelo ego quando algum sentimento de culpa

ou ansiedade ou algum desejo que não convenha afeta a lógica, a objetividade ou racionalidade dele.

4.2 MECANISMOS DE DEFESA

Os mecanismos de defesa constituem operações de proteção impostas pelo Ego, quando este se vê de alguma maneira ameaçado pelo conteúdo inconsciente que expresse algum desejo, pensamento, ideia ou vontade que de alguma forma o agrida, o que consiste em dizer que o Ego apenas procura se abster de qualquer forma de perigo, ansiedade ou desprazer. Os mecanismos de defesa, todavia, não representam mentes patológicas, essas, por sua vez, se demonstram quando as próprias defesas não atuam de forma correta sendo necessário uma repetição excessiva da atuação dessas estruturas protetoras sobre a parte indesejada em questão, essa repetição causa certa tensão psicológica e, por conta disso, o Ego acaba se constringendo.

Os mecanismos de defesa, de acordo com Freud, falsificam a percepção interna do sujeito fornecendo somente uma representação imperfeita e deformada do conteúdo latente antes de expressá-lo nos sonhos. Nenhum indivíduo chega a utilizar-se de todas as estruturas de proteção possíveis, cada um de nós faz uma seleção e se fixa nesta para que com o surgimento de outros materiais impróprios no futuro sejam utilizados novamente os mesmos mecanismos, mas é claro que com a adaptação necessária, por toda a vida psíquica. Esse movimento de repetição contínua, entretanto, acaba por enfraquecer o ego e propiciar certa facilidade, ao longo desenvolvimento da vida adulta, do surgimento de neuroses.

Vale ressaltar que os mecanismos de defesa não são a mesma coisa que a resistência que o paciente pode apresentar, visto que esta última faz referência à dificuldade que o doente tem durante alguma consulta em expressar-se em algum ponto específico por conta de alguma força que age contra essa liberação. Podemos dizer que as resistências são noções que concernem apenas às defesas empregadas na transferência por um sujeito que se defende especificamente do contato terapêutico, logo se faz presente em estados clínicos enquanto que os mecanismos de defesa atuam em todo tipo de psique.

4.2.1 Dramatização ou Concretização

Nos sonhos não existem pensamentos abstratos, por conta disso, toda imagem, independente da falta de lógica se concretiza de forma a manifestar-se no sonho de maneira sólida, por exemplo, um desejo que remeta a algum assunto da infância poderá concretizar-se a partir das roupas usadas pelos personagens da atividade onírica.

4.2.2 Condensação

A composição dos sonhos, na maioria dos casos, revela-se como forma altamente condensada dos pensamentos, sensações e desejos que determinam o conteúdo latente do mesmo, ou seja, várias pessoas, situações e lembranças podem ser, em atividade onírica, representadas por uma única coisa.

4.2.3 Desdobramento

Esse mecanismo de defesa faz o oposto da condensação, ou seja, à medida que aquele se configura para representar muitas coisas em apenas um símbolo, neste um símbolo expressa diversos significados de modo a conter implícito diversos desejos.

4.2.4 Deslocamento

O processo de deslocamento é considerado um dos mais importantes para a deformação do sonho e consiste na substituição de uma imagem do conteúdo latente por outra no conteúdo manifesto, quando esse deslocamento não é de imagem e sim de determinada emoção, o processo é denominado projeção, mas este será apresentado posteriormente. O processo de deslocamento tem uma função defensiva evidente visto que prioriza a troca dos desejos inconscientes por representações indiferentes, atuais e suscetíveis que se associam entre si de maneira distante.

4.2.5 Representação pelo Oposto

Esse mecanismo se apresenta, por exemplo, quando um algum material do inconsciente é reprimido de forma a apresentar-se no conteúdo manifesto do sonho apenas pelo seu contrário, apresentando-se o oposto de um símbolo, da intensidade de algum desejo, do próprio desejo ou algum sentimento, ou de qualquer ideia.

4.2.6 Representação pelo Nímio

Percebe-se quando alguma representação do conteúdo latente se faz no sonho manifesto mediante uma outra, composta por imagens insignificantes que, de alguma forma, representam apenas minimamente o desejo em si que foi resguardado, por exemplo, um homem que deseja despir uma mulher e no sonho expressa-se apenas retirando-lhe algo pequeno, como um brinco.

4.2.7 Repressão

Compõe-se pela operação psíquica que pretende fazer desaparecer da consciência, impulsos, sentimentos, desejos ameaçadores ou qualquer outro conteúdo que se apresente para o Ego como desagradável ou importuno.

4.2.8 Racionalização

É um processo pelo qual o paciente procura de alguma forma reapresentar alguma atitude, ação, ideia ou sentimento de forma a defendê-la de um ponto de vista lógico, racional e moral, como se o indivíduo precisasse tornar aceitável aquele material sobre o qual atua algum recalque, enquanto que, acaba por deixar despercebidos os motivos verdadeiros para a criação de tal conteúdo. Esse mecanismo é de difícil percepção para o analista, visto que grande quantidade dos motivos nos quais se baseiam aquilo que construiu o conteúdo manifesto do sonho tem a quase, e possivelmente, plena capacidade de serem explicados logicamente pelo paciente, de forma a apresentar um caráter socialmente aceitável, nesses casos existe já inconsciente uma justificativa sólida para a formação desse material impróprio, todavia, existem casos, também, nos quais as motivações por si só já se expressam de maneira artificial.

4.2.9 Projeção e Introjeção

Ocorre quando o Ego reflete algum impulso indesejado do id sobre outro personagem que não si próprio no conteúdo manifesto, de maneira que este impulso supracitado se revele como algo exterior, recusando a existência dele dentro de seu inconsciente.

Entende-se por projeção a tendência a atribuir certas qualidades do sujeito a seu objeto. Introjeção será o contrário, (...) pelo qual partes ou qualidades do objeto

são internalizados pelo sujeito. (HERRMANN, 1984 p. 60)

4.2.10 Identificação

É o processo psíquico no qual o indivíduo assimila um aspecto, uma característica do outro, e se transforma, total ou parcialmente, apresentando-se conforme o modelo desse outro, ou seja, uma imagem é substituída por alguma outra pela qual exista identificação.

4.2.11 Regressão

Esse processo caracteriza-se pelo recuo do Ego para algum estágio anterior do curso de desenvolvimento da libido, de forma a procurar fugir de situações conflitivas, por exemplo, um paciente que tem repetidas frustrações na área sexual, para obter satisfação, regressa à fase oral e começa, em resposta, a comer em excesso. Logo, esse processo acaba por designar o retorno do sujeito às etapas supostamente ultrapassadas, e, por conta desse recuo, o indivíduo acaba por definir formas anteriores do desenvolvimento de pensamento e, por conta disso, também define outros modos de expressão e comportamento. Freud delimita três espécies de regressão: (1) Tópica, que é particularmente manifestada em sonhos; (2) Temporal, na qual é retomada alguma formação psíquica mais antiga; e (3) Formal, quando os modos de figuração e expressão se apresentam de forma mais primitiva.

4.2.12 Isolamento

Consiste em isolar um comportamento ou um pensamento de forma a encarcerá-los para que não tenham mais ligação com outros pensamentos, pois, seguindo esse caminho eles não se tornarão conscientes, ou seja, o objetivo desse mecanismo de defesa é impedir a relação entre as ideias ditas em análise com aquelas sob força da resistência. É possível notar a presença dessa estrutura de proteção visto que ela acaba por estabelecer um hiato na sucessão temporal dos pensamentos ou atos de maneira que durante a análise clínica ocorre um esquecimento daquilo que se falava, dando a entender, que o material que o analista pretendia alcançar pela livre associação não lhe estará apto para que sobre ele seja criado um contato associativo com outros pensamentos.

4.2.13 Formação Reativa

É um processo psíquico que se caracteriza pela adoção de uma atitude de sentido oposto a um desejo que tenha sido recalcado, constituindo-se, então, numa reação contra ele, ou seja, um impulso indesejável permanece inconsciente à medida que o sujeito apega-se fortemente ao seu contrário.

4.2.14 Substituição

Apresenta-se como uma forma de deslocamento e como o próprio nome propõe, esse mecanismo atua de forma a substituir o pensamento que não pode ser possuído conscientemente por outro que geralmente se assemelha ao primeiro, desde que sobre este último não atue resistência.

4.2.15 Fantasia

Esse processo psíquico manifesta-se quando o indivíduo cria um roteiro de uma situação imaginária, na qual o sujeito torna possível para si próprio à realização de um desejo ou necessidade inconsciente de forma a satisfazer-se de maneira tal que seria inconveniente em vida real. Existem três modalidades de fantasia: (1) Fantasias conscientes ou sonhos diurnos; (2) Fantasias inconscientes como as que se revelam em análise; e (3) Fantasias originárias.

4.2.16 Compensação

É o processo psíquico em que o indivíduo busca se compensar por alguma deficiência encontrada na imagem que tem de si próprio, de modo a apontar outra característica sua, que não aquela, para contrabalancear.

4.2.17 Expição

É o processo psíquico em que o indivíduo busca pagar pelo seu erro imediatamente.

4.2.18 Negação

A negação do próprio sentimento, desejo, ânsia, comportamento, ideia ou pensamento é um mecanismo muito comum desde os estágios mais infantis do

desenvolvimento da mente humana. Essa estrutura exprime simplesmente a negação de realidades desagradáveis.

4.2.19 Representação Simbólica

Esse mecanismo pode ser entendido como forma especial de deslocamento. O símbolo se faz presente quando uma determinada imagem concreta do conteúdo manifesto relaciona-se, com certa constância, a um elemento reprimido do conteúdo latente, ou seja, a representação simbólica consiste em um objeto ou ato que não aparece como tal no conteúdo manifesto, mas apenas mediante um símbolo que o exprima.

4.2.20 Elaboração Secundária

Esse processo apresenta-se como uma remodelação do sonho com a finalidade de expressá-lo com o mínimo de coerência de forma a fazer com que o conteúdo manifesto mostre-se de acordo com uma linha temporal e basicamente compreensível. É nesse momento que a aparência de absurdo e incoerência do sonho é removida, de maneira, também, a acrescentar elementos ou retirar outros. A elaboração secundária constitui um segundo momento do trabalho do sonho e incide sobre os produtos já elaborados pelos outros mecanismos, agindo como um processo final da criação do conteúdo manifesto.

4.3 A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

A interpretação do sonho é a introspecção do conteúdo manifesto para o conteúdo latente e pode ser feita através de um básico e indireto questionamento, de maneira tal a não causar ao paciente, desconfiança ou perplexidade, para que assim não se desvie da verdade. A interpretação desse conteúdo onírico deve ocorrer independente da presença de lógica do que é apresentado, ou seja, os sonhos não devem ser ignorados apenas por serem aparentemente sem sentido, mas todos devem ser tomados pelos analistas como de suma importância para chegar a uma cura, afinal todo sonho tem sua importância e seu significado.

Como já foi demonstrado, os sonhos são os produtos da psique humana no qual são expressos os desejos inconscientes do sujeito que o sonha, visto isso, Freud, no processo da formulação da psicanálise viu na interpretação dos sonhos o caminho para compreender mais a mente do homem, e a partir daí criou técnicas de interpretação que

foram sendo aprimoradas com o progresso de seus estudos e também com a participação de outros estudiosos psicanalistas que o sucederam.

(...) podem compreender facilmente que a interpretação de sonhos, quando não estorvam em excesso as resistências do doente, leva ao conhecimento dos desejos ocultos e reprimidos, bem como dos exemplos entretidos por este.
(FREUD, 1910. p. 32).

Freud, em seus textos, sempre ressaltava a importância da análise do material expresso nos sonhos, o conteúdo manifesto, para que fosse possível chegar intrinsecamente à humana, ou seja, para que fosse possível entender o conteúdo latente. Em uma de suas conferências Freud disse sobre o estudo dos sonhos se justifica por si próprio visto que *(...) proporciona conclusões que por outros meios dificilmente chegaríamos a ter noção.*

Interpretar, basicamente então, é percorrer o caminho da compreensão por parte do analista que começa no conteúdo manifesto e chega às ideias latentes, de maneira a descobrir todo o sentido do sonho e o que, do sujeito, ele resguarda, buscando a explicação e esclarecimento daquilo que até então se mantinha oculto no inconsciente. A interpretação é algo pessoal, ou seja, dependendo do paciente, ela será feita de um jeito e chegará a novas conclusões, afinal cada situação, doente e sonho são únicos.

Desvendar a mente humana, é claro, requer alguns princípios tais que definirão todo o processo. O analista deverá saber avaliar e selecionar o essencial da massa de informações e impressões que lhe serão apresentadas. Em um primeiro momento, seria essencial que se transcrevesse o material manifesto do sonho, levando em consideração os mecanismos de defesa utilizados pelo Ego do paciente e voltando o caminho reverso que essas estruturas causaram, de forma que, enfim, se chegue ao conteúdo latente. Em um segundo momento, o conteúdo latente seria, pelo analista, apresentado ao paciente com o objetivo de esclarecer para ele o seu próprio inconsciente e por esse caminho se tornaria possível chegar à cura da neurose que o paciente apresenta.

A interpretação do sonho é a introspecção do conteúdo manifesto para o conteúdo latente e pode ser feita através de um básico e indireto questionamento, de

maneira tal a não causar ao paciente, desconfiança ou perplexidade, para que assim não se desvie da verdade.

Acerca da interpretação, visto os mecanismos de defesa apresentados e o fato de que para se chegar ao conteúdo latente é necessário ultrapassar todos eles, Freud afirmava que é mais fácil analisar os sonhos de crianças, porque neles o Ego ainda está em estágios iniciais de seu desenvolvimento, logo, uma criança tem menos resistência atuando sobre si e, por conta disso, menor é a deformação. Além disso, uma criança não tem tanto recalque quanto um adulto no que se refere à exteriorização dos desejos que compõe o conteúdo latente, e mais ainda, os desejos infantis não são tão complexos e a simbologia dos sonhos não é tão polissêmica.

4.4 A SIMBOLOGIA DOS SONHOS

O símbolo é um nome, termo ou imagem que transmite algum sentido que de alguma forma, nos é familiar na vida diária, cada um deles possui diversas outras conotações que não aquelas convencionais ou implica algo vago ou desconhecido, ou seja, ele representa conceitos que nós, seres humanos, intelectualmente limitados não podemos caracterizar, por exemplo, o sol que pode representar algo santo e divino, ou uma cruz vazia que pode significar a ressurreição de Cristo. De acordo com Jung, *o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos* (JUNG, 1977 p. 36).

Vale ressaltar também que os símbolos dos sonhos não se limitam apenas ao racional provindo da consciência, mas eles também tomam a forma do inconsciente que atua de forma ampla influenciando e modificando conceitos que para nós seriam básicos e concretos. Por conta da modificação que cada símbolo pode vir a ter, é passível dizer que a interpretação vê aí um grande obstáculo para efetivar-se de forma contundente. É necessário que o analista entenda as particularidades dos símbolos utilizados a fim de entender qual a proposta deste por apresentar-se no sonho e compreender qual o desejo inconsciente que ele está representando.

Freud afirma que a repressão e a satisfação imaginária dos desejos são a origem do simbolismo dos sonhos e que este, por sua vez, não pertence exclusivamente ao sonho, ou seja, ao inconsciente, mas, também, se relaciona ao popular, ao folclore, aos mitos, provérbios, etc. de quem sonha. Os símbolos são utilizados para a representação

disfarçada das ideias que formam o conteúdo latente, logo eles se tornam a linguagem pela qual os sonhos se expressam. No decorrer dos estudos freudianos, ele percebe que esses símbolos geralmente fazem alguma referência às ideias e vontades sexuais, a partir daí, Freud estuda mais profundamente a questão da sexualidade e como ela se desenvolve na infância, tópicos, estes, que serão apresentados posteriormente.

Nos sonhos, entretanto, nem tudo é dado simbolicamente, existem representações diretas, claras e coerentes no material onírico, porém estas se fazem presentes em uma proporção bem menor, sendo papel de a interpretação distinguir do conteúdo manifesto o que é expresso pela linguagem de símbolos e o que não. A melhor maneira de o analista perceber à qual grupo as imagens dos sonhos pertencem, é certificando-se se existe alguma relação com algum desejo que expresse sexualidade ou com algum objeto de ordem sexual.

4.5 PESADELOS

Em uma primeira instância esse tipo de material onírico denominado pesadelo pode trazer à tona certos questionamentos em relação à sua representação como qualquer um de nossos desejos, de fato, como que sonhos tão aflitivos e atormentadores poderiam expressar nossos anseios? Freud responde que antes de julgar os pesadelos como uma quebra da base de toda a teoria dos sonhos até aqui proposta – de que os sonhos revelam desejos inconscientes – precisamos entender o motivo que gerou a angústia que deu suporte à formação do pesadelo. Freud salienta:

A ansiedade é uma das reações do ego contra desejos reprimidos violentos, e daí perfeitamente explicável a presença dele no sonho, quando a elaboração deste se põe excessivamente a serviço da satisfação daqueles desejos reprimidos. (FREUD, 1910. p. 35).

O pesadelo surge quando algum desejo não consegue se expressar plenamente no conteúdo manifesto por causa de alguma falha no processo de elaboração do sonho, ao mesmo tempo em que um pesadelo pode, por outro lado, expressar desejos masoquistas do sujeito. Freud afirmava que o desejo expresso nos pesadelos não se realiza na consciência, por isso a tópica de se os sonhos angustiantes corroboram desejos ou não é completamente passível de questionamento, entretanto, o sujeito

masoquista, explica Freud, vê na dor, o prazer, como se tentasse punir a si próprio por desejar tal coisa.

5 CONCLUSÃO

Recuperando as ideias propostas, nas quais foi possível compreender basicamente as estruturas mentais a partir das teorias freudianas, tornou-se viável a compreensão dos diversos aspectos que caracterizam a psique humana tal como é, ou seja, com suas instâncias e complexidades que a dinamizam e transpõe a ela essa identidade de contínua e única a cada sujeito, formada pelas influências singulares absorvidas de maneira pessoal ao longo da trajetória de desenvolvimento mental do indivíduo.

Freud, além de impactante com suas obras e declarações, foi ao todo esclarecedor no que concerne ao entendimento das articulações mentais. Ele as deduziu em instâncias cada qual com funções específicas que se complementam em todo processo de trabalho mental, de maneira a se tornarem indissociáveis. O campo de maior importância que os estudos freudianos trouxeram foi o inconsciente que é aquele que se compõe das memórias mais longínquas, nele ficam as lembranças de desde os tempos remotos da formação da psique humana nos primeiros instantes infantis, aquelas que foram captadas de forma despercebida e aquelas que nos marcaram, mas que com o próprio passar do tempo acabamos por esquecer-las e extingui-las, sobre esses conteúdos é que age a forma repressiva de resistência que Freud chama de força psíquica de resistência. A descoberta de um inconsciente na psique humana acabou por explicar diversas atitudes mentais até então duvidosas, como as neuroses, as falhas de expressão, o esquecimento e outros.

A partir do estudo dessa área mental, Freud, que passou a analisar os sonhos, visto a representação deste como processo psíquico no qual é liberado o material resguardado no inconsciente, delineou uma força psíquica denominada de resistência, que agride o desejo latente formador do sonho, atuando, dessa forma, a impedir a exteriorização desses sentimentos de maneira plena porque de alguma forma agridem o ego. Com isso, Freud apresentou os diversos mecanismos de defesa, os quais ele foi determinando ao longo de suas análises clínicas, utilizados pelo ego, em detrimento das exigências do superego, como estruturas de defesa aos impulsos do id.

Freud criou toda uma ciência e um método para garantir a plena interpretação dos sonhos, compreendendo todos os símbolos individuais expressas pelo sujeito oníricamente, método esse determinado psicanálise que destituiu dos sonhos a

característica de misticidade a qual ele carregava até então por conta da crença de que eles eram revelações divinas que objetivavam a predição do futuro. Com a fundamentação dessa ciência foi possível para Freud, através dos estudos dos sonhos, projetar todo o maquinário por trás das ações humanas, de forma a ajudar a compreender as influências mentais que definiram o sujeito tal como é, pensa e atua. Foi a partir da psicanálise que se tornou possível ao homem compreender um pouco mais de si próprio cientificamente, de modo que através das incansáveis análises de Freud e seus sucessores psicanalistas, foi desvendado um homem bem mais complexo neurologicamente e psicologicamente, este tal que se apresenta dividido em diversas instâncias dinâmicas que captam várias massas de influências que, por sua vez, vivem em intensa inter-relação.

Outra teoria impactante de todo o estudo freudiano e que de fato merece grande destaque foi a da sexualidade infantil, que acabou por demonstrar todo o processo de formação de sexualidade como um conjunto de ações delimitados por fases - oral, anal e fálica - que vão desde nossos estágios mentais mais infantis até o envelhecimento. A construção desta tese acabou por se sobrepor a outras que afirmavam que a sexualidade nascia de forma abrupta durante a puberdade, fase esta representada pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais, e que o prazer restringia-se apenas ao gozo genital. Ainda sobre este tópico, Freud determinou o Complexo de Édipo, que expressa as dificuldades de uma relação amorosa entre pais e filhos na fase fálica.

As descobertas de Freud acabaram por ajudar em muito no trabalho de vários analistas. A criação da psicanálise criou uma geração de sucessores muito mais aptos à atividade clínica e o desenvolvimento do tratamento, ou seja, visto que essa ciência prioriza o estudo dos sonhos tomando o conteúdo destes como pilar principal da análise tornou-se possível chegar ao descobrimento de todo o trâmite mental que acarreta a formação da mente patológica apresentada pelo paciente. Com a descoberta de um conteúdo latente onírico em função de expressar os desejos reprimidos do sujeito os analistas passaram a se empenhar na busca desse material usando, é claro, o sonho como base. Freud fundamentou toda uma técnica psicanalítica para esclarecer como deve ser dada a interpretação dos sonhos para que dessa forma se chegasse a um resultado permanente e esperado ao paciente.

O estudo psicanalítico à cerca do sujeito acrescentou à sua essência um conjunto de novas características que o ressaltavam primariamente como intrincado e modificável. Somos mutáveis, recebemos diversas influências desde o primeiro ao último instante de nossas vidas, dessa maneira, o homem, à medida que cresce se desenvolve de uma maneira única, de maneira tal que por diversas vezes, nem ele conhece a si próprio. Freud não apenas demonstrou isso através de seus estudos, mas também, ajudou a humanidade a compreender um pouco mais daquilo sob o qual todos nós estamos subjugados, a nossa mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERRMANN, Fábio. **O que é Psicanálise**. São Paulo, Abril Cultural/Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 12)

JUNG, Carl G. **Psicologia e Religião**. Volume XI/1. Trad. de Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 2º edição. Petrópolis. – Ed. Vozes. 1984. p. 21.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos – Chegando ao Inconsciente**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 10º edição. Rio de Janeiro – Ed. Nova Fronteira. 1964.

JUNG, Carl G. **Freud e a Psicanálise**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis – Ed. Vozes. 1989. p. 27.

FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise – Terceira Lição**. 1910.

BRENNER, Charles. **Noções Básicas de Psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica**. Ed. Imago. 1975. p. 18.

CARRERA, Oscar. **Revista Psique Edição Especial No.4 Grandes Pensadores da Psicanálise – Sessão: História – Um Novo Paradigma Proposto por Sigmund Freud**. 2008. p. 19.

BIBLIOGRAFIA

MARQUES, T. Fernanda. Teoria Psicanalítica – Conceitos Fundamentais, 2008. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1211>>. Acesso em: outubro de 2011.

JUNG, Carl G. Psicologia e Religião. Volume XI/1. Trad. de Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 2º edição. Petrópolis. – Ed. Vozes. 1984.

JUNG, Carl G. O Homem e seus Símbolos – Chegando ao Inconsciente. Trad. Maria Lúcia Pinho. 10º edição. Rio de Janeiro – Ed. Nova Fronteira. 1964.

JUNG, Carl G. Freud e a Psicanálise. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis – Ed. Vozes. 1989.

FREIRE, Augusto César. A Interpretação dos Sonhos – Cem Anos de Inconsciente. SBPC/Labjor – Brasil. 2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/rosinhos/sonhos.htm>>. Acesso em: outubro de 2011.

CARVALHO, Cecília. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 1993.

BERGSON, Henri. O Sonho. *Unesp, campus de Marília, Departamento de Filosofia da FFC* - 1901. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732004000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: outubro de 2011.

BRENNER, Charles. Noções Básicas de Psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica. Ed. Imago. 1975.

Revista Psique Edição Especial No.4 Grandes Pensadores da Psicanálise – Sessão: História – Um Novo Paradigma Proposto por Sigmund Freud. CARRERA, Oscar. 2008.

HERRMANN, Fábio. O que É Psicanálise. Ed. Brasiliense. 1984.